

Quanto vale o adeus de Prince?

TERESA GENS

Tudo o que é Prince ficou mais caro após a morte do músico. Um LP “Purple Rain” original em vinil roxo que há um mês valia 30 dólares custa agora 300. É assim sempre que morre uma “pop star”. Não há melhor momento para vender, nem pior para comprar.



Quando a devoção é grande, irritam as comparações. Quando o alvo da devoção acaba de morrer, pior: “Uma amiga disse-me, em jeito de consolo, que há um tipo que faz lembrar Prince nos anos 80, só que Blood Orange não é Prince.” Fã é palavra pequenina para lá caber o que Margarida Santos era de Prince.

Viu-o as quatro vezes que cá esteve. Alvalade, ao som de “Purple Rain”, até teve dois palcos, o de Prince e o de um namorico, rapaz do Minho, que lhe havia de arrancar um

bocado de coração. Juntava todos os escudos para comprar o que podia e encomendava a algum pai, ou mãe, que ia “lá fora”. “As vezes que tive de calar aquelas letras impróprias para a mãe”, mãe que nunca

percebeu a troca de um par de ténis novos, ou assim, por uma “Darling Nikki” de um tipo tão frenético e esquisito. Este ano nevou em Abril no quintal de Margarida. Está fora de questão tentar perceber quanto vale (como o marido sugeriu logo a correr) um qualquer dos discos que tem lá em casa – “1999”, “Sign O The Times”, são só dois deles.

Com o adeus do artista, os sites de venda encheram-se de todas as

fases de Prince. É sempre assim, com David Bowie até foi “pior”, uma verdadeira “paranóia viral”, diz João Moreira da loja de discos Carbono – até porque Bowie, além da longa carreira, e do culto, tinha disco novo. Na semana da morte, choveu clientela na Carbono à procura do vinil de “Blackstar”, espécie de despedida musicada, líder nos tops de venda no Reino Unido. As poucas cópias que João tinha na loja voaram a 40 euros cada (custam agora 22,99 euros na Fnac), mas há quem tenha pago bem mais pelo disco (ver caixa) porque esgotou em Lisboa e já agora “worldwide”. Novidade? Nenhuma. A Carbono dura há 23 anos e a morte de artistas vende discos, foi assim com Freddy Mercury, Kurt Cobain, Michael Jackson e Bowie. E quem diz lojas diz particulares, que ponham à venda num qualquer site.

Com a partida recente de Prince, ganhar dinheiro com um dos discos ou CD da “pop star” passou a ser possível como nunca antes. A ressurreição dos seus “hits” aconteceu não ao terceiro dia, mas logo nas horas seguintes. “Quando desaparece uma figura deste nível, há sempre um impacto mediático muito grande, o que ‘lembra’ as pessoas e implica uma maior procura.” Se houver poucos exemplares para

rapidamente, o que “valoriza os itens disponíveis ou que venham a surgir”, comenta Jorge Dias, gerente da Louie Louie de Lisboa (há outra no Porto). Lá na loja, física e online, já vendeu o que havia para vender de Prince. “Neste momento praticamente não temos nenhuns discos em ‘stock’, os poucos que tínhamos voaram.”

O que vende melhor

Agora “tudo o que é Prince, novo, velho, oficial, não-oficial, estúdio, ao vivo... tudo, ficou mais caro e especialmente no formato vinil (embora também afecte outros formatos)”, diz Sérgio Penim Redondo, dono do portal Vinil Gourmet mas, sobretudo, melómano e colecionador. “Haverá discos ou edições que por algum motivo valorizaram mais do que as outras, mas, à partida, tudo o que seja mais antigo, edições originais, eventualmente algumas reedições de melhor qualidade, serão os itens mais valorizados... provavelmente um LP ‘Purple Rain’ edição original americana, em vinil roxo, que há um mês valia 30 dólares (em bom estado), agora poderá valer entre 200 e 300 se estiver selado...”, diz. Mesmo sem ser em raridades, há valorização, até um máximo de 50%. Um disco de 10 euros por 15, 20 euros, é mato.

Dois meses (por aí) para vender

Se tem Prince em casa e lhe passou pela cabeça vender, veja quanto vale (ver caixa), é o momento ideal, não haverá outro como este. Imediatamente depois da notícia de má sorte começaram os leilões online, (no eBay) sobretudo de vinil, com os preços a atingirem valores até difíceis de explicar por quem percebe disto. Este “timing” de venda, a quente, no ondão de lamentos, é o pico da coisa. O período de “histeria”, como lhe chama Jorge Dias, dura, com base no histórico, um par de meses (após a morte). “Tal como aconteceu com Michael Jackson, é um fenómeno que vai durar mais ou menos dois meses e ao fim de seis meses está exactamente como estava antes de ele morrer”, explica Sérgio Penim Redondo. Isto acontece, com este tipo de artistas, porque eles venderam quantidades enormes de praticamente tudo o que fizeram, portanto, pouco ou nada é verdadeiramente raro (excepto artefactos que são raridades, mas que estão também limitados ao mercado de colecionadores “hardcore”). Depois do frenesim inicial “de uma camada de compradores que não é verdadeiramente especializada”, tudo volta ao normal num mercado que se equilibra pelas quantidades disponíveis e procuradas. ■

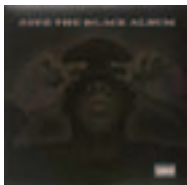
“Neste momento, praticamente não temos discos [de Prince] em ‘stock’”, conta Jorge Dias, da Louie Louie.

Vinil, um investimento exigente e arriscado

The Rainbow Children

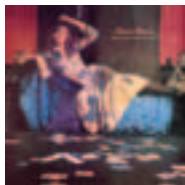


The Black Album



Purple Rain

The Man Who Sold The World



Blackstar

COMO AVALIAR E VENDER

Se tem álbuns e quer saber o valor que têm no mercado, existem vários sites. São os mesmos onde os pode vender. Também há algumas publicações que ajudam.

POPSIKE.COM

Neste portal, que não é de vendas, é possível aceder ao histórico de preços de vendas reais realizadas no eBay ao longo dos anos.

DISCOGS.COM

Dá para ver quais são as edições em causa e os preços praticados no mercado de usados do discogs.

EBAY.COM, AMAZON.COM, OLX.PT

Portais de venda online de vários produtos, a música é só mais um deles, dão uma ideia dos preços pedidos e, nos dois primeiros casos, têm espaços criados de propósito por exemplo para Prince, o que facilita a chegada à informação

MUSICSTACK.COM

Marketplace online que se assume como o local ideal para achar discos, LP e CD “difíceis de encontrar”.

RECORD COLLECTOR MAGAZINE E GOLDMINE MAGAZINE

Especialmente nos mercados americano e inglês há revistas e guias com informação útil e preços, estes são dois exemplos.

FÓRUNS E FACEBOOK

Embora em Portugal não exista “nada de referência que seja minimamente credível”, diz quem está por dentro, pode sempre investigar, trocar impressões nos fóruns, Facebook.

O PREÇO DAS PRECIOSIDADES

Tudo o que é autografado inflaciona com a morte do artista mas são as raridades, mais o vinil, e tudo o que teve um número restrito de cópias que atingem valores mais elevados.

“THE RAINBOW CHILDREN”

Vinil, 2001 - Uma cópia do álbum mais controverso de Prince - que à data engrossara as fileiras das Testemunhas de Jeová e verte para as letras a experiência - é um “potpourri” de jazz, soul, psicadélica e hard rock. **2.000 dólares (1.755,76 euros)** na Amazon.com.

“THE BLACK ALBUM”

Vinil, 1987 - Fomos procurar e demos com um exemplar à venda no disco por **7.733,55 euros**. Foi um álbum mistério, um teste que Prince quis fazer, chegando aos escaparates das lojas sem uma única menção ao autor. Diz a lenda que ele queria ver se, recebido nas rádios, o passavam pelo valor intrínseco no “matter who”. Parece que há muitos discos falsos à venda nos sites. Para se distinguirem dos reais dicas no <http://the-black-album.info/fakes.html>.

“PURPLE RAIN”

Vinil roxo, 1984 - Purple Rain título do álbum e do “hit” incontornável nos anos 80 que dispensa apresentações. Estas cópias vendem-se entre os **200 e os 450 dólares** (exemplar novo, no eBay).

“THE MAN WHO SOLD THE WORLD”

1971 - De Prince para David Bowie, segundo o Record Collector’s Rare Record Price Guide, de 2016, cópias de qualidade deste álbum, primeira edição, valem qualquer coisa à volta das **700 libras (888 euros)**.

“BLACKSTAR”

Vinil, 2016 - Nem só o velho pode ser uma preciosidade e os fãs de Bowie provam-no. Assim que o souberam noutra dimensão correram a comprar uma cópia do novo e último trabalho de Bowie, em vinil, dispondo-se a pagar por Blackstar dez vezes acima do preço original: **400 libras (507,60 euros)**.



Há discos que têm sempre potencial, primeiras edições especialmente das décadas dos anos 50, 60 e 70.

SÉRGIO PENIM REDONDO
Portal Vinil Gourmet

Há quem ganhe dinheiro com a compra e venda de música, sobretudo, de vinil, mas são poucos. Será sempre um investimento muito arriscado para quem vive fora deste cosmos de colecionadores e lojas da especialidade, diz quem ganha a vida com este negócio.

Ao contrário do que acontece noutras áreas de investimento, mesmo alternativas, não existe, em Portugal, uma empresa a operar no mercado com o objetivo de assessorar ou prestar consultoria no mundo do vinil como investimento. Isto apesar de ser “cada vez mais evidente”, segundo Sérgio Penim Redondo (Vinil Gourmet), que “há muita gente que compra por gosto, mas ‘com olho’ no valor dos discos” e no investimento que representam “versus” o potencial retorno financeiro.

“Diria que quase todos os colecionadores já o fazem.” No entanto, apesar de existir um mercado do vinil, “propício ao investimento de médio/longo prazo”, trata-se de um meio hiperespecializado que exige conhecimentos profundos, (sobre os discos e os compradores desses discos), que “não é comparável a outros investimentos que podem, eventualmente, depender apenas do tempo ou das tendências gerais do mercado”. Mas, para que o leitor tenha alguma noção do que potencialmente terá valor, Sérgio explica que “há discos que o têm sempre,

primeiras edições (as prensagens originais da época em que os álbuns foram editados), especialmente das décadas dos anos 50, 60 e 70, e que tenham sido produzidas nos mercados de excelência como Reino Unido e EUA, e, de certa forma, dos mercados alemão e japonês (nesses dois casos por outros motivos).”

Também existe o mercado das edições modernas, “discos novos produzidos nos nossos dias, muitas vezes edições limitadas que resultam em poucas unidades a circular no mercado (por exemplo, menos de 1.000 unidades), e que podem valorizar-se rapidamente. “Um disco novo vendido por 30 euros pode em poucos meses ou no espaço de um ou dois anos ultrapassar os 100 euros,

“mas estamos a falar de casos relativamente raros e que não sustentam uma base sólida para investimento”. Outro aspecto a ter em conta é que fazer isto “em massa”, comprar muitos discos como investimento para capitalizar no futuro, implica “uma quantidade de trabalho considerável, um tratamento um a um (cada disco é um caso), avaliar-lhes o estado, ir a locais onde os colecionadores se encontram”. Donde, para quem não faça já parte deste mundo dos discos e queira apenas rentabilizar o dinheiro é uma área que, até à data, parece “fazer pouco sentido”. ■